



PREFEITURA DE

CAMPOS

SECRETARIA MUNICIPAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA

 Mais
Ciência

O Cinema enquanto dispositivo de transformação social e cuidado terapêutico no CAPsi

Orientadora: Elizabeth Medeiros Pacheco

Bolsista: Laura Silveira da Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

2024



SUMÁRIO

| | |
|----------------------------------|----|
| RESUMO | 3 |
| INTRODUÇÃO | 4 |
| REVISÃO DE LITERATURA | 5 |
| MATERIAIS E MÉTODOS | 7 |
| RESULTADOS E DISCUSSÃO | 9 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 13 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 14 |

RESUMO

Nosso trabalho surge do entendimento da arte enquanto potência de mobilização social coletiva e dispositivo de reflexão. Além disso, por estar mergulhada dentro do campo do desejo, também pode possibilitar cuidado, descanso e lazer. Partindo inicialmente das questões da infância, suas similaridades e divergências, optamos por reunir notícias de seus desdobramentos por meio da visualização de filmes; mobilizamos durante nove meses uma oficina grupal de expressão no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) em Campos dos Goytacazes. Nos encontros, estimulamos a expressão da autonomia e a criatividade das crianças, a partir da conexão com materiais estéticos, guiados pelo Cinema, percebendo as delicadezas que permeiam as infâncias na cidade. As oficinas ocorreram semanalmente com um grupo de dez meninos, de 08 a 12 anos, majoritariamente negros, moradores de bairros periféricos, no único serviço de saúde mental infanto juvenil da cidade. A partir da visualização de desenhos e animações, cujas imagens incitaram questões sociais, desenvolvemos o vínculo com o coletivo. Utilizamos argila, tintas, jogos, mímicas e outros recursos do brincar para instigar vivências nas crianças cuja infância vem sendo patologizada, enquanto conversávamos sobre seus afetos disparados no encontro. Garantimos o brincar e a possibilidade de alegria através de histórias de sujeitos múltiplos: vibrantes nas semelhanças e respeitosos com as diferenças. Operamos pela metodologia cartográfica e buscamos a afirmação dos jovens a partir da própria história. Percebemos a existência de um sentido político para a arte, que surge na interface da psicologia com a potência da criação na infância, e o conduzimos na intenção de tecer, com ele, questões que problematizam as vivências comuns entre eles. Com os desdobramentos da oficina, percebemos maior senso de pertencimento ao serviço, além de reflexão sobre o território, a produção autônoma e maior entendimento do valor do cuidado. A arte possibilitou novos rumos existenciais desejantes para as crianças, aproximando-as através da imaginação como política de ação.

INTRODUÇÃO

Partindo do entendimento da arte enquanto mobilizadora de ação a partir dos afetos, este trabalho busca compreender como o cinema e outros regimes estéticos podem transformar a infância, tornando-se um dispositivo de cuidado. Assim, mobilizamos uma oficina artística de criação coletiva no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) de Campos dos Goytacazes, com crianças de 08 a 12 anos usuárias da saúde mental. Entendemos a importância ético-política da arte e partimos desta para agregar no cuidado e lazer no serviço, além de desenvolver e vontade de transformação social. Inicialmente, nosso plano utilizava somente o cinema e o audiovisual enquanto ferramentas, buscando, também, o resgate da historicidade cinematográfica do município campista. Entretanto, com o desenrolar das oficinas, as animações e longa metragem abriram para as crianças o desejo de incrementar novas formas de expressão. Dessa maneira, instrumentos como colagem, mímicas, coreografias, desenhos e pinturas somaram no trabalho coletivo, auxiliando nos processos desejados.

O Capsi é um serviço público de saúde mental criado após a Reforma Psiquiátrica (Lei 10.216 de 2001), formalizado em 2002 pelo Ministério da Saúde e tendo, como princípio, o cuidado em saúde mental multidisciplinar humanizado e antimanicomial. Nestes moldes, se estrutura como um acolhimento em saúde não aprisionante e que prioriza o cuidado em liberdade, fazendo parte da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Dentro de sua organização estão previstas atividades amplas para além de somente medicalização e consultas psiquiátricas. Em Campos, este serviço é o único voltado ao acolhimento psicossocial de crianças e adolescentes até 17 anos, estando sobrecarregado com muitas demandas. Sua localização, no centro da cidade de Campos, torna-se um analisador de sua limitação inter territorial.

A oficina artística e de criação proposta pela pesquisa está dentro da estruturação do CAPSi, compondo as oficinas grupais terapêuticas e as atividades comunitárias que visam a integração da criança e do adolescente na família, na escola, na comunidade ou quaisquer outras formas de inserção social (Brasil, 2002). Nesse sentido, utilizamos o fazer conjunto na construção interpessoal dos processos artísticos como forma de buscar inserção social no serviço e no território campista, problematizando a infância e seus marcadores sociais.

Além disso, as atividades foram realizadas na tentativa de desenvolver autonomia, desejo, segurança, respeito e cuidado com os outros usuários. De acordo

com o Ministério da Cultura, “cultura e arte são ferramentas de transformação” (Ministério da Cultura, 2024), e aqui, visamos valorizá-las enquanto com elas trabalhamos a afirmação ético-política das crianças.

Concomitantemente, buscou-se o resgate da historicidade cultural da cidade. Segundo um de seus artistas poetas mais brilhantes, Joilson Silva, que realizou em sua dissertação de mestrado em geografia um levantamento das salas de cinema de rua antes e depois da ditadura militar (1964-1985), até a década de 80, Campos contou com mais de 68 salas públicas de cinema de rua, tanto em área rural quanto em área urbana. Estas sendo degeneradas por abandono, fechadas ou marcadas por outro uso (comércio, templos, farmácias) nas regiões rural e urbana até o início do século XXI (Silva, 2017), quando surgiram as salas privadas nos shoppings.

Nesse sentido, analisamos o tecido social campista e sua possibilidade de políticas públicas direcionadas à democratização de cultura e lazer, mas desmontadas pelo desinteresse governamental e interesse das elites financeiras. Trabalhamos, assim, procurando um novo sentido: transmitir e problematizar a memória, a partir das linguagens artísticas da criança, para garantir o não assujeitamento e esquecimento das crianças usuárias da RAPS. Cultivamos a existência e a afirmação da infância incomum. Nesse sentido, utilizamos as tecnologias de expressão e criação como dispositivos para engajar as crianças e convocar conversas, denúncias e possibilitar trocas acerca de questões pessoais, mas compartilhadas e, portanto, sociais. Nesse sentido, o encantamento pela arte operou favorecendo a formação de vínculos e a criação coletiva, promovendo o afeto de confiança, autoestima e autonomia.

Como criar coletividade por meio da arte? Como aproximar as crianças da história do município? Como criar, a partir delas, desejo e pertencimento na cidade? Quantas cidades diferentes existem nas histórias de cada uma? Como a arte pode ser possibilitadora dessas narrativas e encontros? Como agir na dupla face da diversão e da problematização? Será possível pensar que nos inquietamos na mesma medida em que des cansamos no lazer?

REVISÃO DE LITERATURA

Para nortear a importância do Capso na atenção às infâncias, recorreremos a Lima et al. (2024) ao abordar o laço psicossocial que o serviço público representa às

vulnerabilizações psíquicas das crianças. Em estudo realizado a partir de narrativas de pais de crianças autistas usuárias do Capsi em todo território nacional, a pesquisa destrincha o fator da socialização enquanto uma das principais ferramentas dos serviços, estando garantido na política de organização do Caps e aparecendo no exercício prático deste serviço. Nesse sentido, expandimos o paradigma diagnóstico, não focando diretamente no quadro de patologia individual, mas na possibilidade de engajar a coletivização da infância no Capsi do município.

Além disso, busca-se romper com a prática de trabalhar com a infância visando uma determinada meta ou conclusão. O trabalho com as crianças não deve partir da operação linear estruturada em início, meio e fim; deve ser cuidadoso e engajar possibilidades de acontecimento criador durante suas ações. Dessa forma, o interesse do trabalho é cultivar, coletivamente, a autonomia entre as crianças, de forma que possam contar com o serviço enquanto rede e suporte para uma convivência temporal mas consistente, contraindo memória como experiência e não como instituição que regulamenta tratamentos e diagnósticos.

Aqui, trazemos *Infância e História: destruição da experiência e origem da história* (Agamben, 2005) para captar o embaraço entre infância, historicidade e linguagem. Linguagem e criança criam-se simultaneamente, de forma que uma é inventada na expressão da outra. Aqui, não se entende linguagem somente enquanto verbal, mas também como não-verbal, gestual e semiótica. E a arte? É pela imaginação que a criança envolve sua própria verdade e existência, não *(des)*envolve utilitariamente para progresso adulto: “a experiência do agora é algo que se pode apenas fazer e jamais ter” (Agamben, 2005, p.44).

Nesse sentido, considerando que a arte interfere enquanto dispositivo de operação que auxilia a criança na ação-reflexão, assim como é criada por ela, uma questão nos incita: Existe começo no processo, ou este é um acontecimento descontínuo? No paralelo entre arte, linguagem e criação, estamos consonantes com Mosé (2005, p. 128) quando diz que

a função afirmativa da linguagem não é dizer, já que a complexidade da vida não pode ser reduzida em palavras. A função da linguagem é sobrevoar, dançar, fazer esquecer (Mosé, 2005, p. 128)

A arte é via de escape afetivo. Angústias, medos, vergonha, alegrias e curiosidade vêm à tona convocadas pela expressão. Na pesquisa, tendemos engajá-la para construir

novas perspectivas aos usuários do serviço. Entretanto, a operacionalização de desejo é realizada com protagonismo das crianças do Capsi, visto que são agentes transformadores da própria história. Se a sociedade busca assujeita-los, duplamente, por serem crianças e usuários da saúde mental, aqui, valorizamos que sejam responsáveis por construir as próprias novas fontes de experiência.

Suely Rolnik, em *Cartografia Sentimental* (2006) compõe tal ética ao pensar sobre os desdobramentos possíveis em um trabalho que busca a potência dos afetos. Na ação com o coletivo que vivencia a infância, a intervenção aposta na fruição de movimentos misturados e recriados, podendo assim roteirizar linhas de ação que traçam outro caminho, diferente do que a realidade institucionalizada tenta determinar. Somente tenta mas não consegue plenamente, ainda bem.

Buscamos o tratamento-encantamento crítico-clínico da infância como cuidado psicossocial, por perceber que ela, a infância, é agente instituinte capaz de novos afetos e experiências; isto nos acentua o entendimento das inúmeras violências vivenciadas. Marcadores sociais de território, raça e classe aparecem com frequência nos encontros, e as violências que estes portam são os verdadeiros responsáveis pelo adoecimento psíquico. Trabalhamos pela recuperação da grandiosidade dessas memórias, desejando traçar novas perspectivas Agora e Porvir.

MATERIAIS E MÉTODOS

Nosso trabalho foi desenvolvido enquanto uma pesquisa qualitativa de método cartográfico, tendo como ferramenta o diário de campo, no qual registramos questões importantes atravessadas a cada oficina, o que nos possibilitou melhor compreensão dos conflitos demandantes de atenção repetida. Deste modo, permitimos ao campo, CAPSi, apresentar-se e trabalhamos com o desejo das crianças, nos permitirmos intervir (ou não) nas ligações delas com o serviço.

Mapeamos as várias demandas do serviço, tais como a faixa etária do grupo para oficinas, os técnicos de apoio e o horário semanal. Além disso, contatamos as redes familiares e aproximamos as crianças das oficinas. Os encontros ocorreram, a partir desta organização, semanalmente, com dez meninos, negros e brancos, de 08 a 12 anos, supervisionados por uma técnica do Capsi. Cabe ressaltar que, inicialmente, nossa metodologia se desenvolveu a partir do cinema enquanto principal elemento artístico,

visto o desejo em resgatar a historicidade do município (conforme mencionado). Entretanto, sendo a cartografia nossa rede de trabalho, partindo do desejo das crianças e do estímulo de suas autonomias, este dispositivo de arte expandiu-se, trazendo outras formas expressivas para compor com os objetivos da oficina.

Nosso método inicial contava com o cinema enquanto principal material de reflexão e ação, através do qual apostamos na potência de fruição e lazer para suscitar transformação social. Escolhemos, em conjunto, os audiovisuais e utilizamos seus conteúdos para trazer questões importantes, disparadas pelas crianças. A observação de conflitos comuns trouxe ao diálogo vivências pessoais, assim como cenas engraçadas possibilitaram a vontade de retornar à experiência desses momentos. Com o desdobramento dos encontros, esta arte toda disparou inquietação e possibilitou nas crianças o desejo de trazer novos elementos, nos quais elas se expressam e criam, não somente consomem. Mas a vivência constante dessa concentração, acentuada pela duração temporal dos filmes, tornou-se uma questão, visto que a maioria das crianças passou a trazer, como queixa, a impaciência e o desconforto de permanecer parado assistindo às animações.

Percebemos, ainda, que o cinema estava presente em suas casas a partir do streaming, como elemento de lazer pessoal das crianças, assim, elas nos trouxeram o desejo de trabalhar nas oficinas novos elementos, com os quais não estavam familiarizadas no seu cotidiano. Portanto, as animações, filmes e séries abriram espaço para a imaginação e o encantamento do coletivo, pelo qual o grupo de meninos sentiu-se convocado a engajar a própria criação.

Nesse sentido, o material da oficina foi contemplado com arte-colagem, desenhos e autorretratos, mímica, karaokê, danças, argila e jogos criados pelo próprio grupo. Complementamos as oficinas semanais em encontro de intervisão de nosso grupo de pesquisa-extensão Sem Alibi (UFF Campos) e analisamos o que foi percebido na intervenção feita pelas crianças. Também nos aproximamos dos pais, a fim de organizar a pesquisa e ter notícias de seus efeitos nos meninos, bem como na relação que estes vivenciam em casa e na escola.

É importante ressaltar que a ideia inicial do projeto incluía, como um dos objetivos, a realização de um documentário durante as oficinas, documentando a própria experiência destas. Apesar do apoio da coordenação do Capsi e da Secretaria, este objetivo não pode ser realizado, por conta da não autorização de imagem dos pais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Amparados pela secretaria da saúde, bem como pela coordenação do Capsi, o delineamento das oficinas pode se dar pela via do protagonismo das crianças e da percepção das delicadezas que fiam o encontro. A questão inicial da potência do cinema na infância foi complementada com a inclusão de novos campos artísticos. O audiovisual trouxe encantamento, aproximação e afirmação de desejo. Assim, durante cada oficina, criamos e organizamos juntos várias propostas seguindo o encantamento da maioria das crianças.



Imagem 1, autorizada pelos responsáveis.

A partir das criações artísticas questões importantes foram descobertas e reencontradas pelas crianças. Estas foram trabalhadas como elementos estéticos que trouxeram valiosas questões no desenrolar das oficinas. A inicial discordância e impaciência com as diferenças inerentes ao conjunto das crianças presentes abriu espaço para o cultivo das diversidades e a formação de um grupo. Desse modo, situações disparadoras de conflito, tal como o empréstimo de materiais e a organização do ambiente, tornaram-se pontes para a construção conjunta com divisão de funções.

A autonomia também foi trabalhada a partir de estratégias que operacionalizaram mais responsabilidade de cada menino com a oficina. Por exemplo, cada um ficou responsável em criar, ou trazer de casa, algum incremento para o encontro e, assim, desvincularam-se da dependência aos adultos. Isto abriu caminho para a criação de

vínculos e amizades para além das oficinas: dois meninos tornaram-se parceiros e trocaram o contato das mães, que garantem a aproximação de ambos nas vidas pessoais.



Imagem 2, autorizada pelos responsáveis

O pertencimento foi trabalhado, de maneira que os diagnósticos (como TEA, TOD e TDAH) vieram à cena e dispararam confissões acerca de vergonha e *bullying* na escola. Juntos, trabalhamos pela compreensão do diagnóstico não ser um determinante de vida, e que eles podem e devem existir para além dessa pretensa identidade a eles “conferida”. Um dos meninos da oficina, na atividade de encerramento, pintou na camiseta coletiva a palavra “inteligente”, confirmando que rotas de autoestima e desvinculação do rótulo diagnóstico foram traçadas no serviço. Este deve ser um dos mais valiosos compromissos do serviço de saúde mental.



Imagem 3, autorizada pelos responsáveis.

Ao perceber, em alguma criança, um distanciamento do grupo, trabalhávamos pessoalmente seus afetos e, quando desejado por esta, levávamos ao grupo. Utilizamos algumas vezes a brincadeira da teia de gato para reaproximar os meninos, e questões importantes apareceram, principalmente relacionadas à experiência de pertencimento ou não ao grupo. Por vários possíveis fatores, entre eles idade e personalidade, algumas crianças, de início, ficavam recuadas nas brincadeiras.

Entretanto, em reunião com técnicas, profissionais de diversas frentes da saúde trabalhadoras do serviço, decidimos criar dois grupos na oficina, separando-os por conta da sensibilidade auditiva que alguns apresentam, e do desejo de expansão de outros. Tal postura nos trouxe resultados positivos, visto que em ambas as situações, as crianças puderam explorar a oficina sem constrangimento ou receio.

Outro tópico trazido na brincadeira da teia de gato foi a baixa frequência nas oficinas por questões de moradia e dificuldade de acessar o serviço. A localização foi trazida em unanimidade pelas crianças enquanto fator que dificulta a ida ao Capsi, situado no centro de Campos, distante da moradia periférica dos meninos. A maioria é de Goytacazes e da Penha, o que reduz a continuidade semanal no serviço. Vale ressaltar que alguns, diagnosticados com autismo, têm Passe Livre e não pagam transporte, entretanto, no caso de outros, os pais queixam-se da demora em conseguir tal benefício, ficando prejudicados na circulação na cidade.



Imagem 4, autorizada pelos pais.

A elaboração de histórias também esteve presente a partir dos dispositivos

artísticos. Por meio de desenhos, um dos meninos compartilhou conosco o falecimento de sua cachorrinha, Bolinha, e contou algumas lembranças carinhosas. Dessa forma, criamos um espaço acolhedor para trazer memórias, lutos, metas e fantasias, muitas vezes duvidadas quando surgem das crianças.

Aguçamos a criatividade semanalmente com novos jogos e brincadeiras para além das telas que perpassam o cotidiano. De início, o desafio em relação aos filmes foram as comentadas “longas durações”, pois as crianças não se sentiam disponíveis para assistir a apresentação de qualquer material por mais de meia hora. Isso nos dá notícia da redução da atenção nas crianças (e adultos) que têm recusa a narrativas mais longas, pois estão acostumadas com vídeos e imagens dispostos em frações de segundos pelas plataformas digitais. Tentamos o YouTube, com linguagens mais atuais e menor duração, porém este recurso também não coube.

Posteriormente, nos trouxeram o fato de já estarem acostumados a ver os vídeos, e que preferem brincar de coisas que não brincam em casa ou na escola, e que também queriam conversar. Por isso, expandimos o dispositivo-oficina em outras frentes. Sobre a história do cinema na cidade, alguns disseram terem ido ao cinema poucas vezes na vida, sempre de forma privada. Outros, compartilharam gostar de ir como comemoração de aniversário e outras datas especiais, pois consideram uma atividade muito divertida, mais por conta da situação do que pelo próprio filme exibido, e concordam que deveria haver mais cinemas de graça em Campos, “para todos poderem ir”.

Dessa forma, o ato conjunto mostrou que a implementação de oficinas artísticas, que resgatem a história do município, da cultura e do território, mobiliza novas percepções acerca da realidade e amplia o desejo de pertencimento. Além disso, engajar a oficina em grupo possibilitou maior entendimento acerca da saúde mental e do serviço, trazendo senso de pertencimento e coletividade, rompendo com uma parcela da vergonha atrelada ao estigma de ser usuário do Caps. Trabalhamos na afirmação de sujeito, no entendimento do que é ser uma pessoa “atípica” e em movimento contrário a qualquer limitação imposta a isso.

No âmbito do equipamento, ocupar a agenda com atividade transdisciplinar abriu novos horizontes no cuidado em saúde, visto que os técnicos se apropriaram ainda mais de práticas não medicalizantes e protocolares, usando o lazer e o descanso como elementos de respeito e direito psicossocial. Conforme desenvolvido, é possível perceber os efeitos e resultados traçados em coletivo nas oficinas. Ao finalizar os encontros, percebemos que desbravar outras maneiras de experienciar o cuidado

político na infância transforma criativamente a realidade coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do trabalho mostrou a potência da arte no encantamento da infância, sendo o cinema, e outros instrumentos artísticos, dispositivos que instigam a transformação das crianças. Estes foram possibilitadores da descoberta das capacidades de cada um, ampliando os afetos e trabalhando a autonomia, a responsabilidade e a importância de dizer “não”. Estes recursos só puderam agir potencializando o encontro com os meninos, por terem sido gestados coletivamente, não como hipóteses de estudo, mas como agentes da própria experiência. O retorno afirmativo das crianças, que pedem que as oficinas aconteçam com mais frequência e tenham maior duração, comprova o que a pesquisa-extensão propôs.

Nesse sentido, foi possível visualizar que a articulação da psicologia, arte e infância, incentivada pela prefeitura da cidade, impacta positivamente e modifica as operações tradicionais na saúde pública, principalmente no modus operandi dos técnicos e gestão. Este trabalho esteve presente em mostras científicas na cidade, e suscitou interesse na comunidade campista, bem como recebeu retorno positivo das famílias que perceberam mudanças importantes nos afetos dos filhos, principalmente em relação a si próprios e ao Capsi.

Como sugestão, ressaltamos a importância de aproximar as redes familiares na construção e entendimento do serviço, o que facilitaria e engajaria a presença das crianças no mesmo e traria visibilidade ao cuidado em sua dimensão de rede e não apenas individual. Por fim, que esses encontros possam ter instigado a continuidade do valor da arte como cuidado e garantindo aos meninos seu direito a criar suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. Infância e história: destruição da experiência e origem da história. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BRASIL, Ministério da Saúde. Portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002. Dispõe sobre a organização em relação ao regime dos CAPS. Diário Oficial da União. Brasília, 19, fev. 2002.

LIMA, C. et al. O que dizem familiares de autistas sobre o trabalho desenvolvido pelos CAPSi? Saúde e Sociedade, 2024.

MOSÉ, V. Nietzsche e a grande política da linguagem Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ROLNIK, S. Cartografia sentimental. 1ªed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. SILVA, J. B. O estado atual dos prédios que abrigam salas de cinema de rua em Campos dos Goytacazes entre os anos 1960 e a atualidade: refuncionalização, abandono e extinção. II Congresso Internacional da Cidade Contemporânea, Campos dos Goytacazes, 2017.